

O Canivete Suíço da Kabbalah

Carlos A. P. Campani
campani@ufpel.edu.br
<http://campani.greatnow.com>

27 de março de 2007

Sumário

1. Introdução
2. O que é a Kabbalah?
3. História
4. Alfabeto hebraico
5. Kabbalah literal: Gematria; notaricon; e temura.
6. Kabbalah dogmática e luriânica
7. A Árvore da Vida
8. Os mundos da Kabbalah
9. Kabbalah mística

Introdução

Devido à sua complexidade e linguagem até certo ponto enigmática, a Kabbalah é um assunto de estudo difícil, principalmente para o iniciante. Por isto, exatamente para ajudar o estudante iniciante, este texto tem como

objetivo ser uma introdução acessível, abordando os conceitos básicos da Kabbalah que permitirão compreender a literatura disponível e serão suporte para o estudo posterior.

Este texto acompanha o conjunto de lâminas (slides) intitulado “Uma Introdução à Kabbalah”, e usado em palestras sobre Kabbalah. Este trabalho é a transcrição destas palestras, incluindo as explicações de vários esquemas, figuras e tabelas apresentados nas lâminas. O conjunto de lâminas pode ser encontrado na página <http://campani.greatnow.com> ou diretamente no link <http://www.ufpel.edu.br/~campani/lamcabala.pdf>.

O Talmude possui uma passagem que diz “nascestes contra a tua vontade; vives contra a tua vontade; morrerás contra a tua vontade”. Esta passagem é uma boa introdução e uma provocação para o nosso ponto de partida, que é a grande pergunta de nossas vidas: “Porque estamos aqui?”. Uma das principais motivações para o estudo da Kabbalah é encontrar uma resposta para esta questão.

Outras possíveis motivações, principalmente para um não judeu estudar Kabbalah, incluem conhecer as origens do cristianismo (que estão no judaísmo, do qual a Kabbalah é a expressão mística) e compreender as tradições esotéricas do ocidente, o gnosticismo, o hermetismo, e a Maçonaria, com as quais a Kabbalah tem pontos em comum. Estes pontos em comum são uma das razões porque serão feitas freqüentes comparações com estas outras tradições.

Este texto não pretende ser apenas teórico ou teosófico, mas nele também são apresentadas práticas cabalísticas, incluindo a Kabbalah meditativa e as práticas da Kabbalah do Êxtase do Rabino Abraão Abulafia.

Neste texto, usaremos uma transliteração do alfabeto hebraico (apresentada nas Tabelas 1 e 2) que privilegia representar, da forma mais fiel possível, as letras que são usadas nas palavras hebraicas, em detrimento da pronúncia da palavra em português. As palavras serão referenciadas usando-se esta transliteração, com e sem vogais, eventualmente acompanhada da palavra hebraica original, e de uma dica de como ela deve ser pronunciada (em itálico).

O que é a Kabbalah?

Kabbalah, KBLH, קבלה, *cabalá* provém do verbo KBL, קבל, *cabeil* que significa *receber*. Assim, Kabbalah significa aquilo que é transmitido, ou seja, “tradição” ou “conhecimento”.

A Kabbalah é a tradição esotérica e mística dos hebreus. Em todas as tradições religiosas sempre esteve presente o elemento místico. O que caracteriza

este elemento místico é a busca da experiência direta de Deus.

No entanto, nos textos sagrados do judaísmo, este misticismo não é percebido com facilidade. Ao povo hebreu era oferecido o Velho Testamento, que é um código jurídico e moral, e inclui recomendações de sanitarismo. É surpreendente que uma grande religião como o judaísmo tenha escrituras sagradas com tão pouco misticismo, como aparentemente é o caso.

A Kabbalah, a vertente mística do judaísmo, era reservada apenas para os sacerdotes. Este conhecimento sagrado era originalmente transmitido apenas de forma oral, para protegê-lo contra a profanação, e esta é uma explicação de porque o misticismo está tão oculto nos textos do judaísmo.

Os rabinos passaram a registrar de forma escrita a Kabbalah apenas na era cristã, devido à dispersão dos judeus (diáspora), que ameaçava com a perda deste conhecimento.

A Kabbalah judaica, posteriormente, foi assimilada por grupos não judeus, permitindo o surgimento de outras vertentes, como é o caso da cristã e da hermética.

Todas as religiões e tradições místicas possuem uma essência comum. A experiência mística é única e não verbal. Ao ser descrita verbalmente, de forma alegórica, por meio do uso de símbolos, recebe “decorações” que são dependentes do contexto histórico e da personalidade do místico que a está descrevendo. Disto surgem as diferenças entre as religiões. Esta é uma das razões para fazermos comparações com outras tradições místicas, mitologia, filosofia e religiões, procurando extrair, deste estudo comparado, esta essência que é comum a todas elas.

Importante observar que, neste trabalho, abordaremos a Kabbalah não apenas na perspectiva judaica, mas também nas perspectivas hermética e cristã. Entre estas perspectivas há algumas diferenças significativas.

A Torá (veja Figura 1) é o livro mais sagrado dos judeus. A Torá (Pentateuco), cuja autoria é atribuída a Moisés, é formada por:

1. Bereshit (Gênesis);
2. Shemot (Êxodo);
3. Vaikrá (Levítico);
4. Bemidbar (Números);
5. Devarim (Deuteronômio);



Figura 1: Foto de um rolo da Torá

A Torá tem bastante importância no estudo de Kabbalah, pois a Kabbalah, em parte, dedica-se a interpretar a Torá, procurando nela significados ocultos mais profundos.

As escrituras sagradas do judaísmo tem quatro sentidos. Estes modos de interpretação são referenciados pelas quatro letras de seus nomes, formando a palavra PRDS, **פרדס**, *pardeis* que significa pomar ou paraíso. Estes sentidos são:

Pashut literal e histórico;

Remmez alegórico, introduzido por Ezra;

Derush moral;

Sod místico.

Eles são comparados às cascas (em número de três) e o cerne da noz (relacionado com sod, o significado mais profundo).

Estes quatro sentidos estão relacionados com os fatos que são narrados no Velho Testamento. Em cada um deles estes eventos são interpretados de uma forma diferente, porém não exclusiva (segundo o judaísmo, todas as interpretações são igualmente válidas).

No sentido pashut entende-se o Velho Testamento como narrando fatos históricos relacionados com o povo hebreu que devem ser considerados de forma literal. Remmez considera os fatos narrados como alegorias. Derush interpreta o Velho Testamento como um código moral. Finalmente, no sentido sod considera-se os fatos narrados no Velho Testamento como simbólicos, cujo objetivo é guardar um conhecimento sagrado. Isto significa que há um significado mais profundo oculto nos textos sagrados. Este significado sod é o significado místico, que está relacionado com a Kabbalah.

A Kabbalah possui diversas modalidades diferentes. A *Kabbalah não escrita* é a parte da Kabbalah que permanece oral. A *Kabbalah prática* envolve a manipulação de símbolos mágicos (talismãs e quadrados mágicos) e a criação do Golem (um ser humano artificial). A *Kabbalah literal* preocupa-se com a interpretação da lei, buscando significados ocultos nas escrituras, fazendo uso de técnicas como *gematria*, *notaricon* e *temura*. A *Kabbalah dogmática* estuda a doutrina da Kabbalah.

Com relação ao Golem, é interessante observar que, segundo a tradição judáica, ele é criado usando-se as combinações e permutações das letras do alfabeto hebraico. Assim como Deus criou o mundo pela palavra, também podemos usar as palavras de forma mágica, para criar um Golem.

Há dúvidas entre os estudiosos se esta criação é real, ou se é uma figura de linguagem usada para representar os resultados de práticas mágicas e meditativas dos cabalistas, que parecem quase reais.

História

A tradição religiosa dos judeus, que se considera fundada na aliança entre Deus e Abraão, é formada por três tradições distintas:

Torá (Pentateuco) Autoria atribuída a Moisés e compilado há cerca de 3000 anos (recompilado por Ezra);

Talmude Um complexo conjunto de tratados (Mishnah e Gemarah), constituindo-se de comentários à lei;

Kabbalah Tradição que se desenvolveu em paralelo à Torá e ao Talmude.

Segundo alguns estudiosos, a Kabbalah surgiu na época da construção do Segundo Templo, no ano de 515 a.C., embora outros estudiosos opinem que ela é tão antiga quanto a própria Torá. A Kabbalah é capaz de vivificar e

reinterpretar o Velho Testamento, dando-lhe o misticismo que está aparentemente ausente. Ela retira os véus que cobrem o conhecimento sagrado das escrituras, revelando seu significado mais profundo. Nas palavras de alguns rabinos cabalistas, a Torá é o corpo, o Talmude, a alma, e a Kabbalah, o espírito.

Os dois principais tratados da Kabbalah são:

Sepher Ietsirah Também conhecido como “Livro da Criação”; apresenta um curioso esquema para a criação e um paralelo entre as letras do alfabeto hebraico, o homem, os planetas e os signos do zodíaco; sua autoria é atribuída em uma lenda ao patriarca Abraão; críticos modernos opinam que foi compilado em torno de 200 d.C.;

Zohar Conhecido como “Livro do Esplendor”; um conjunto de tratados versando sobre a divindade, os anjos, almas e cosmogênese; autoria atribuída ao Rabino Simon Ben Iochai, que viveu no início da era cristã; recompilado e publicado em 1290 na Espanha pelo Rabino Moses de Leon.

Alfabeto hebraico

O alfabeto hebraico (álef-bêt) é formado por vinte e duas letras, mais cinco usadas no final de palavras (letras sofít). Associa-se a cada letra do alfabeto um valor numérico (“toda letra é um número e todo número é uma letra”). Além disto, originalmente as letras representavam imagens (os chamados *pictogramas*).

Estes valores das letras hebraicas podem ser usados para encontrar novos significados nos textos judaicos, através dos valores das palavras, obtidos pela soma dos valores das letras que formam a palavra (gematria).

A Tabela 1 apresenta o alfabeto hebraico, com os valores e pictogramas de cada letra. A Tabela 2 complementa estas informações apresentando as cinco letras sofít e seus valores (estas letras sofít tem pronúncia semelhante a das letras normais correspondentes).

Devemos observar que as letras álef e áin tem a função de representar os dois aspectos de Deus na Kabbalah (Face Pequena e Face Grande). A letra áin tem como pictograma um olho, que também é um símbolo da Face Grande, como veremos. A letra iud é muitas vezes tomada como uma representação da própria divindade (o mais importante nome de Deus no judaísmo, o Tetragrammaton, inicia com a letra iud).

Tabela 1: Alfabeto hebraico

	Nome	Valor	Translit.	Pictograma	Pronúncia	Observação
א	álef	1	A	Boi	mudo	Face Pequena
ב	bêt	2	B	Casa/Tenda	B, V	
ג	guimel	3	G	Camelo	G	
ד	dálet	4	D	Porta	D	
ה	hêi	5	H	Atenção!	aspirado	Feminino
ו	váv	6	V	Gancho	V	Ligação
ז	zain	7	Z	Espada	Z	
ח	rêt	8	Ch	Cerca	R forte	
ט	têt	9	T	Serpente/Cesto	T	
י	iud	10	I	Braço e mão	I	Divindade
כ	káf	20	Kh	Palma da mão	K, R	
ל	lámed	30	L	Cajado	L	
מ	mêm	40	M	Água	M	
נ	nun	50	N	Semente/Peixe	N	
ס	sâmer	60	S	Suporte	S	
ע	áin	70	Hw	Olho	mudo	Face Grande
פ	pêi	80	P	Boca	P, F	
צ	tzádik	90	Ts	Homem de lado	Tz	
ק	kuft	100	K	Sol no horizonte	K	
ר	rêsh	200	R	Cabeça	R fraco	
ש	shin	300	Sh	Dentes/Comer	S, Chiado	
ת	táv	400	Th	Sinal/Cruz	T	

A letra váv tem como pictograma um gancho, que significa “ligação”. Finalmente, a letra hei normalmente é associada, na língua hebraica, ao feminino.

Devemos observar que a escrita em hebraico é feita da direita para a esquerda, e que as vogais não são grafadas (todas as letras são consoantes). As vogais podem ser representadas pelos sinais massoréticos, que não são normalmente usados nos textos hebraicos.

Tabela 2: Letras sofit

	Nome	Valor	Pronúncia
ך	káf sofit	500	R
ם	mêm sofit	600	M
ן	nun sofit	700	N
ף	pêi sofit	800	F
ץ	tzádik sofit	900	Tz

Kabalah literal

Os cabalistas descobriram significados ocultos e profundos nas letras do alfabeto hebraico. Estes novos significados são revelados por meio de um conjunto bem definido de operações com as letras do álef-bêt. As operações utilizadas para obter estes resultados são *gematria*, *notaricon* e *temura*.

A seguir descreveremos cada uma destas técnicas da Kabalah literal.

Gematria

Gematria é o modo de interpretação em que cada nome ou palavra possui um certo valor numérico que a coloca em relação de equivalência com outra palavra que tenha o mesmo valor. Por exemplo, MShlCh, משיח, *mashirra* que significa “Messias” vale 358 (40+300+10+8), o mesmo que IBA ShILH, יבא שילה, *abei Shiloh* significando “Shiloh virá”. A Bíblia diz “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Shiloh; e a ele obedecerão os povos.” (Gênesis 49:10). Neste caso, os judeus associam o nome “Shiloh” com o Messias.

Interessante observar que a serpente ardente que Moisés levantou no deserto, NChSh, נחש, *narrash* também vale 358 (50+8+300). A Bíblia descreve este evento como “Fez Moisés uma serpente de bronze [נחש] e a pôs sobre uma haste; sendo alguém mordido por alguma serpente, se olhava para a de bronze, sarava.” (Números 21:9). Isto estabelece uma relação de equivalência entre Cristo (Messias em grego) e a serpente:

$$\text{Messias} = \text{Cristo} = \text{Serpente}$$

Os próprios evangelhos indicam esta equivalência ao dizer que “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado.” (João 3:14).

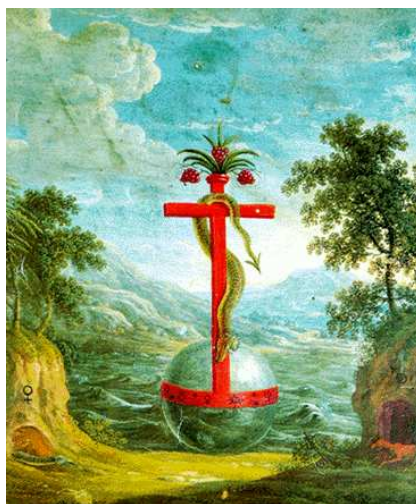


Figura 2: A serpente que salva e cura

Esta é a serpente que salva e cura (veja Figura 2). Este símbolo foi usado pelos rosacruzes e alquimistas. Foi também usado pelos antigos gregos para representar a medicina e a saúde, permanecendo seu uso até hoje com diversas variações: cruz e serpente; bastão e serpente; ou cálice e serpente.

Explica-se, por meio de gematria, o fato dos rabinos terem os números 26 e 8 (2+6) como sagrados, já que 26 é o valor gemátrico de IHVH, יהוה (10+5+6+5), o sagrado e impronunciável nome de Deus, o “Tetragrammaton”.

Devido à proibição de ser pronunciado, e ao fato de não se grafarem as vogais, com o tempo, ficou perdida a correta pronúncia de IHVH.

Sabemos que as letras do álef-bêth são formadas pela composição de outras. A letra álef, por exemplo, é formada por duas letras iud, uma voltada para cima, outra para baixo, com um váv no meio conectando-as:

$$\aleph = \text{ } \curvearrowright + \text{ } \curvearrowleft + \text{ } \text{vav}$$

Isto permite definir uma gematria das partes de álef, sendo seu valor 26 (10+6+10=26), o mesmo de IHVH. O iud superior representa o aspecto não manifestado de Deus (AHIH, אהיה, *erriê* – “Eu Sou”), o outro iud representa a manifestação de Deus (IHVH), e o váv no meio representa o gancho que liga ambos. Estes são os aspectos transcendente e imanente de Deus (caracterizando a Kabbalah como panenteísta).

Tabela 3: Cifra Athbash

A	B	G	D	H	V	Z	Ch	T	I	Kh
Th	Sh	R	K	Ts	P	Hw	S	N	M	L

As três visões possíveis de Deus são:

Teísmo enfatiza o aspecto transcendente de Deus – Deus fora do mundo;

Panteísmo enfatiza o aspecto imanente de Deus – Deus dentro do mundo;

Panenteísmo Deus possui dois aspectos, um transcendente, outro imanente ao mundo (Kabalah).

Notaricon

Notaricon é uma forma de abreviação, em que uma palavra é formada das letras iniciais ou finais de uma ou mais palavras. Por exemplo, em Deuterônimo 30:12 está escrito “*Quem subirá por nós aos céus?*”, MI IOLH LNV HShMILH, מִי יוֹלֵה לָנוּ הַשְּׁמִיִּלָּה, que forma a palavra MILH, מִילָה, *milá*, que significa *circuncisão*, e com as letras finais forma IHVH, יְהוָה, o nome de Deus. Isto sugere que a circuncisão é o caminho para alcançar Deus no céu.

Temura

Temura refere-se a um complexo sistema de cifras em que as letras do alfabeto são transpostas segundo certas regras, permitindo obter novas interpretações. Um exemplo de cifra é escrever metade do alfabeto sobre a outra metade, trocando a letra A, a primeira, pela Th, a última, a segunda, B, pela penúltima Sh, e assim por diante. Esta cifra é chamada de athbash, e é mostrada na Tabela 3.

Kabalah dogmática

A Kabalah dogmática trata da doutrina da Kabalah e foi desenvolvida para resolver as questões:

- Natureza do Ser Supremo;
- Criação do mundo;

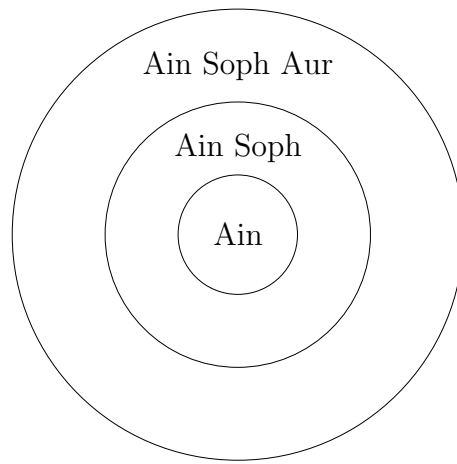


Figura 3: As Raízes Negativas da Árvore da Vida

- Criação dos anjos e do homem;
- Destino do mundo e dos homens;
- Significado da Revelação, a Lei Sagrada (Torá).

Um dos temas centrais da Kabbalah dogmática é a criação. Neste caso, as dificuldades relacionadas com este problema são:

- *Creatio ex nihilo?* – a criação foi feita do “nada”?
- Como a Unidade manifesta a pluralidade?

Segundo a Kabbalah, o Ser Supremo, que os cabalistas chamam de *Ain* (ou *Ain Soph*), é incompreensível, oculto, Não Manifestado, Não Existência. Na verdade, *Ain Soph* não é um Ser, mas sim o criador do Ser, da existência. Assim, chama-Lo de “Ser Supremo” é um abuso de linguagem devido à impossibilidade de descreve-Lo de forma melhor.

Ain Soph não foi o criador do mundo material pela mesma razão que o arquiteto não constrói um edifício com suas próprias mãos.

O Ser Supremo é *Ain* (Existência Negativa), *Ain Soph* (Ilimitado) e *Ain Soph Aur* (Luz Ilimitada). Estes são os Três Véus Ocultos, as Raízes Negativas da Árvore da Vida (veja Figura 3).

Tabela 4: Ain, Face Grande e Face Pequena

Tradição	Ain	Face Grande	Face Pequena
Judaísmo e Kabbalah	Ain, אֵין, Lo, לוֹ (Não)	AHIIH, אהיה, Macroprosopus, Arikh Anpin, Ancião dos Dias, ע (Olho)	IHVH, יהוה, א, Microprosopus, Zauir Anpin
Islamismo	La (Não)	Illaha	Allah
Hinduísmo	Parabrahman (Não Ser)	Brahman (neutro), Shiva, Lingam	Brahma (ativo), Kali
Cristianismo	Deus	Pai	Filho

Ain Soph, por meio de seu poder, manifesta atributos que assumem duas formas (faces, *partsuf*):

- uma face passiva, feminina, negativa;
- uma face ativa, masculina, positiva;

Como passivo, Deus olha para dentro de si, em direção a Ain Soph, e diz: “Eu Sou Nada” – Deus-sem-Nome-e-Forma. Como ativo, Deus olha para o lado oposto, em direção à criação, e diz: “Eu Sou Tudo” – Deus-com-Nome-e-Forma. Estes dois aspectos são chamados de *Face Grande* e *Face Pequena*, respectivamente. Eles são os aspectos transcendente e imanente de Deus (panenteísmo). A Tabela 4 apresenta os conceitos de Ain, Face Grande e Face Pequena, como representados em diversas tradições religiosas.

As atribuições feitas da Face Grande e da Face Pequena, no cristianismo, ao Pai e ao Filho, respectivamente, é baseada na passagem dos evangelhos que diz “... e ninguém conhece o Pai, senão o Filho ...” (Mateus 11:27), já que a Face Grande só pode ser conhecida através da Face Pequena.

Importante observar que a única coisa que podemos compreender de Ain Soph são suas emanções, seus atributos. Na Kabbalah estas emanções são chamadas Sephiroth, SPIROTh, ספירות, *Sefirót*. Estas Sephiroth são em número de dez (lembrando a década de Pitágoras).

A Kabbalah rejeita a idéia de uma *creatio ex nihilo*. A criação não pode ser feita do “nada”. Assim, a criação é, na verdade, uma transformação da Luz de Ain Soph Aur. Logo, a criação é “intradivina” (conceito de contração,

tsimtsum de Isaac Luria). Isto é corroborado pela passagem do Novo Testamento que diz “*Porque Nele vivemos, e nos movemos, e existimos.*” (Atos 17:28).

O *tsimtsum* é a auto-delimitação de Deus, recolhimento em Si próprio, que é ocasionado pela contemplação Dele por Si próprio (veja a semelhança com a filosofia neoplatônica de Plotino).

A manifestação divina procede da *Fonte Primordial* em sucessivas emanações, cada uma mais obscura que as anteriores, por estarem progressivamente mais afastadas da Luz de Ain Soph Aur. Os canais entre estas emanações são como “fluxos de luz”. Devemos observar que expressões como “luz” ou “recipiente” não devem ser interpretadas literalmente, pois são símbolos ou contrapartes físicas de aspectos espirituais.

Estas emanações (Sephiroth), e os canais que as conectam, formam a *Árvore da Vida*, que é uma hierarquia que constitui a natureza divina. Observe-se que esta idéia de “emanações” também aparece no gnosticismo, na forma de *aeons*, seres divinos que formam o *pleroma*.

Resumindo os principais conceitos da Kabalah dogmática:

Ain Não, Existência Negativa, Não Ser, Raiz Desconhecida;

Face Grande Aspecto passivo, negativo, oculto de Deus;

Face Pequena Aspecto ativo, positivo, manifestado de Deus;

Árvore da Vida Formada pelas emanações de Deus, representa a natureza divina.

Kabalah Luriânica

A Kabalah Luriânica foi fundada pelo Rabino Isaac Luria (1534–1572), conhecido pelo acrônimo de ARI, que em hebraico significa “Leão”. Uma de suas mais importantes contribuições foi a doutrina do “rompimento dos recipientes” (*schevirá*).

Segundo esta doutrina, a natureza divina era perfeita pois estava contida nos recipientes, mas algo saiu errado e os recipientes “quebraram”, e “cacos” voaram para todos os lados, formando o material para as *klifót* (cascas). As chispas divinas espalharam-se e ficaram aprisionadas nas *klifót*.

Para entender esta doutrina é importante compreender que a Luz de Ain Soph Aur, que a tudo preenche, ofuscaria toda a criação possível. Assim, há

a necessidade de um “vazio” onde a criação possa manifestar-se. Este “vazio” foi chamado por Luria de *tsimtsum*. O *tsimtsum* é uma restrição do poder de Deus. Ele é referenciado na passagem bíblica que diz “*A terra porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo.*” (Gênesis 1:2). As palavras chaves para compreender esta passagem são “vazia”, “trevas” e “abismo”, todas referindo-se ao *tsimtsum*.

Assim, o *tsimtsum* é o palco para o drama cósmico (*pleroma*). Nele penetra o Raio de Luz de *Ain Soph Aur*, que produz a manifestação. No entanto, há a necessidade de restringir o poder de Deus, por isto esta Luz divina ficou contida dentro de “recipientes”.

Mas, os recipientes não resistiram à Luz Ilimitada e se “despedaçaram”, formando o material para as *klifót*.

O homem é o reflexo da natureza divina (*Adam Kadmon*, o Homem Primordial). Isto está expresso na passagem bíblica que diz “*Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.*” (Gênesis 1:27). Assim, a instabilidade na natureza divina, ocasionada pelo rompimento dos recipientes, provocou o pecado e a queda do homem.

O homem é reflexo da natureza divina pois há um preceito que diz “*assim em cima como embaixo, e assim embaixo como em cima*”. Isto significa que as partes mantêm uma relação de similaridade com o todo.

O reflexo de algo sempre é uma pálida sombra do original. Logo, podemos dizer que o que está acima é semelhante ao que está abaixo, porém em um estado de maior perfeição, e o que está abaixo é semelhante ao que está acima, porém em um estado mais imperfeito.

No reflexo, algumas coisas são similares ao original, outras são invertidas. Um exemplo é o reflexo de uma pessoa no espelho, em que permanecem iguais as posições acima e abaixo, porém são invertidos os lados esquerdo e direito.

Segundo Luria, esta crise na natureza divina, ocasionada pelo rompimento dos recipientes, não é um acidente, mas um ato de amor de Deus. Com isto Deus permitiu que o mal existisse (deu espaço para que ele se manifestasse), conferindo livre-arbítrio ao homem. Caso contrário, se houvesse apenas o bem, a vida humana seria trivial e irrelevante.

Segundo este mito da Kabbalah Luriânica, esta crise provocou o exílio de *Shekhinah* (presença divina, aspecto feminino de Deus), o que fez com que a Árvore da Vida se tornasse “caída”. *Shekhinah* passou a ocupar a posição mais inferior na natureza divina.

A redenção do homem constitui-se no *tikun* (correção), que é a libertação das chispas divinas aprisionadas nas *klifót*, o que está relacionado, segundo o

judaísmo, com a era messiânica, quando o Messias vir e Shekhinah recuperar a sua posição original na natureza divina.

Este mito tem paralelos claros com o mito de Sophia dos gnósticos e com o mito cosmogônico do maniqueísmo.

Para o ARI, a reencarnação, também conhecida como metempsicose, chamada por Luria de גלגול הנשמות, *gilgul ha-neshamot*, é uma necessidade, pois a redenção pode necessitar de muito tempo para ser alcançada. A reencarnação era crença popular entre os judeus durante a época de Luria e depois durante o Chassidismo (Baal Shem Tov, séc. XVIII). Ela foi aceita por grandes rabinos: Isaac Luria; Chaim Vital; Shem Tov; Bahia Ben Asher; e Nachmânides.

A Árvore da Vida

A Árvore da Vida representa a natureza divina. Ela é referenciada na passagem “*O Senhor Deus, por isto, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolia, para guardar o caminho da árvore da vida.*” (Gênesis 3:23, 24).

Se um físico fosse descrever a formação do universo, certamente faria referência às partículas subatômicas como os elementos constitutivos deste universo. Da mesma forma, um cabalista descreveria o mundo e a natureza divina por meio dos elementos que formam a Árvore da Vida (veja a Figura 4).

A Árvore da Vida é formada pelas dez *Sephiroth* (plural de *Sephira*). A palavra “Sephira” pode ser traduzida como “emanação” ou “número”.

Para os cabalistas as Sephiroth são ao mesmo tempo a essência de Deus e o vaso que contém esta essência:

essência Luz de Ain Soph Aur;

vaso o que contém a Luz (pois a manifestação divina é uma restrição do poder de Deus).

Devemos observar que estes “vasos” das Sephiroth são bem sucedidos em sua função, ao contrário dos primeiros recipientes, que, segundo a doutrina do rompimento dos recipientes, se quebraram. Os cabalistas comparam isto aos reis de Edom, que foram reis que reinaram antes que os reis de Israel reinassem, mas que desapareceram (veja Gênesis 36:31). Os reis de Edom



Figura 4: Pintura artística retratando a Árvore da Vida

são associados aos vasos que se romperam, representando mundos que foram destruídos pois não estavam em equilíbrio. Já por sua vez, os reis de Israel representam as Sefirot, os mundos equilibrados.

A Árvore da Vida possui equivalentes em diversas outras tradições (mitologia e religião):

Islamismo (Sufismo) Lataif (plural de Latifa);

Yoga e tantrismo Chakras;

Mitologia escandinava Yggdrasil;

Mitologia grega Árvore dos Pomos de Ouro;

Apocalipse de São João Igrejas, selos, anjos, trombetas, etc.

Voltaremos a falar sobre isto mais adiante, quando tratarmos da Kabbalah mística.

A Árvore da Vida é formada pelas dez Sefirot, que são as emanções de Deus, seus atributos, e os vinte e dois canais (associados às vinte e duas

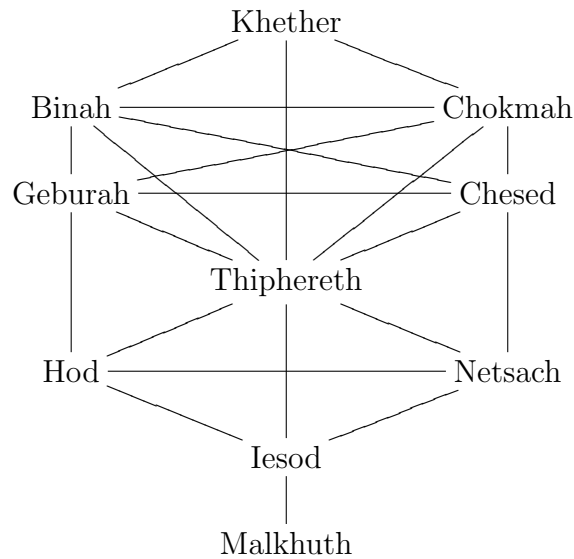


Figura 5: Árvore da Vida

letras do alfabeto hebraico), que são como fluxos de luz entre estas Sefirot. Estes elementos são mostrados na Figura 5, juntamente com os nomes que são dados às Sefirot: Khether, Chokmah, Binah, Chesed, Geburah, Thiphereth, Netsach, Hod, Iesod e Malkhuth.

A criação divina é entendida como a emanção das Sefirot, desde a mais elevada, até a mais inferior. Khether, a Sefira mais elevada, está imersa na Luz de Ain Soph Aur (por isto muitas vezes não é considerado uma Sefira).

Assim, cada Sefira recebe luz das que estão acima e envia luz para as inferiores. Uma Sefira é considerada masculina quando fornece luz e feminina quando recebe, por comparação ao homem que fornece o sêmen para a mulher.

Khether, por estar imersa em Ain Soph Aur, não recebe luz de nenhuma Sefira, apenas fornece. Malkhuth é a Sefira mais obscura, por isto é associada ao mundo material. Ela é associada a Shekhinah (exilada) e é considerada feminina, pois só recebe luz, sem fornecer a nenhuma outra Sefira.

A Árvore da Vida é organizada em três pilares ou colunas:

Pilar esquerdo feminino – Justiça – Binah, Geburah, Hod;

Pilar central neutro – Temperança – Khether, Thiphereth, Iesod, Malkhuth;

Pilar direito masculino – Misericórdia – Chokmah, Chesed, Netsach.

Não só as colunas, mas também as Sephiroth são consideradas masculinas ou femininas. Duas Sephiroth que são marcadamente associadas ao feminino são Binah e Malkhuth. Uma das razões para que a Sephira Binah seja considerada feminina é que ela é a primeira Sephira da coluna da esquerda (a Sephira mais elevada deste pilar).

Existem três formas diferentes de representar a Árvore da Vida:

1. Como o corpo de um homem, como mostrado nas Figuras 6 e 7, enfatizando o aspecto *orgânico* da Árvore da Vida;
2. Como uma seqüência de emanções progressivamente mais materiais e imperfeitas (Figura 8);
3. Como as cascas de uma cebola, em que as Sephiroth mais no exterior estão mais próximas do mundo material e da imperfeição (veja Figura 9).

A Figura 7 ilustra as partes da Árvore da Vida, como se fossem partes de um corpo humano (antropomorfismo). Como já dissemos, entre as Sephiroth, duas são associadas ao feminino, Binah e Malkhuth. A primeira é chamada de Mãe, e a segunda é chamada de Noiva. Assim, naturalmente a Sephira Iesod, por ser a única que se comunica com Malkhuth, é associada ao órgão sexual masculino. Binah é chamada de Mãe, pois faz par com Chokmah, que é considerado o Pai, e está do lado esquerdo da Árvore da Vida, lado que é considerado feminino.

Não podemos deixar de enfatizar que existem apenas dez Sephiroth. No entanto, Khether possui um reflexo abaixo de Chokmah e Binah. Este reflexo é a Sephira Daath (Conhecimento), uma quase Sephira. Alguns cabalistas consideram Daath uma Sephira e desconsideram Khether por ser muito elevado (confundindo-se com o próprio Ain Soph). De qualquer forma, o total de Sephiroth nunca é diferente de dez.

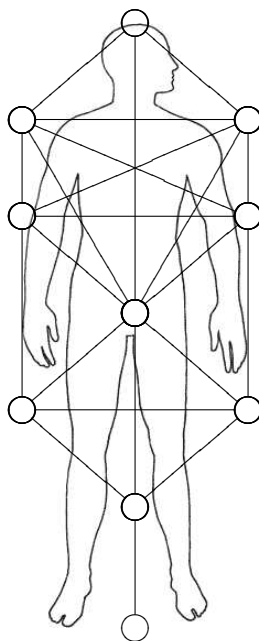


Figura 6: Árvore da Vida na forma de um homem

Além disto, algumas vezes Malkhuth (Shekhinah) é considerada como Daath caída. Assim, na Árvore caída, não se representa Daath e se representa Malkhuth (veja a Figura 10), e na Árvore da Perfeição não aparece Malkhuth e aparece Daath (veja a Figura 11). Um dos objetivos da Kabbalah é transformar a Árvore caída em uma Árvore da Perfeição, acabando com o exílio de Shekhinah.

Segundo diz o Sepher Ietsirah, *“Vinte e duas letras, Ele as gravou, as cortou, as pesou, as permutou, as combinou, e formou com elas a alma de tudo o que foi criado e a alma de tudo o que será criado no futuro.”* (Sepher Ietsirah, Capítulo 2, Mishnah 2). Isto significa que a criação é resultado das combinações e permutações das letras do alfabeto hebraico. Isto está representado no início do Gênesis quando aparece diversas vezes a expressão “Deus disse”.

Existem algumas interpretações que, assim como Deus criou por meio da palavra, podemos usar da palavra com objetivos mágicos, por exemplo para criar um Golem. Outra possibilidade é o uso de mantras para induzir estados alterados de consciência (meditação).

Segue dizendo o Sepher Ietsirah, *“Dez Sephiroth do nada, e vinte e duas*

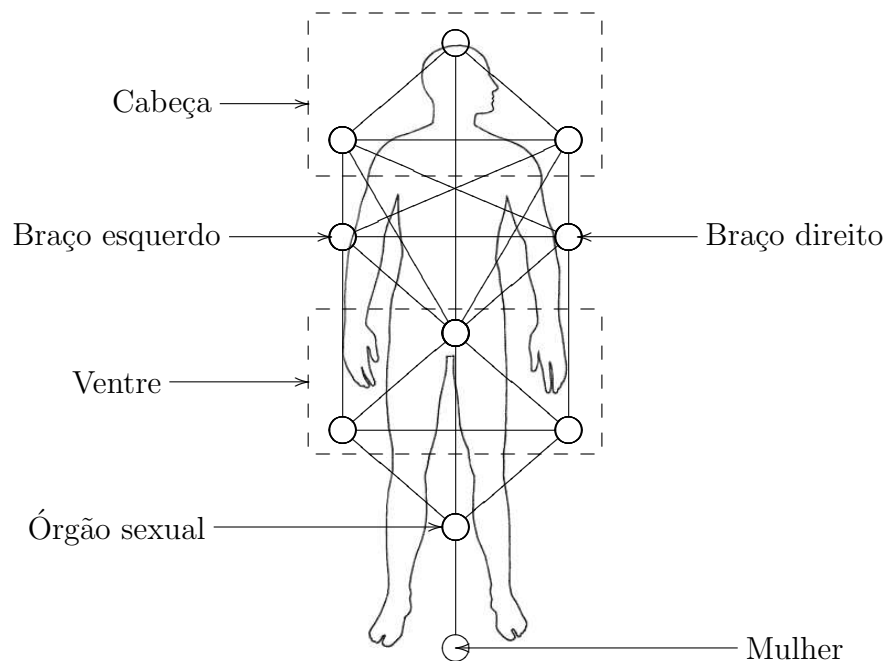


Figura 7: Partes da Árvore da Vida

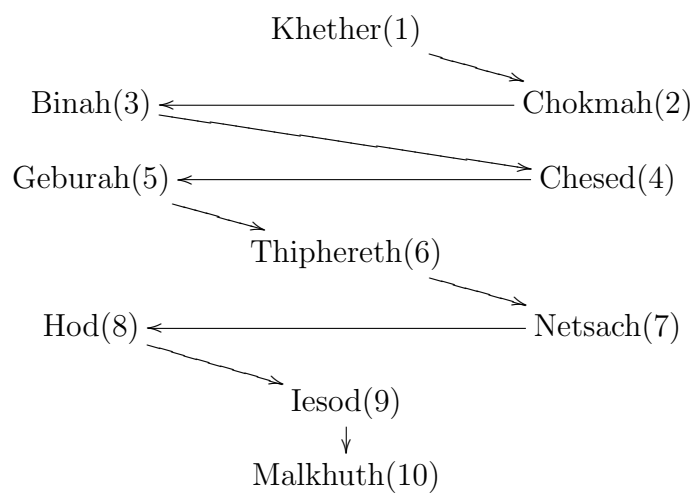


Figura 8: Seqüência de emanções das Sephiroth

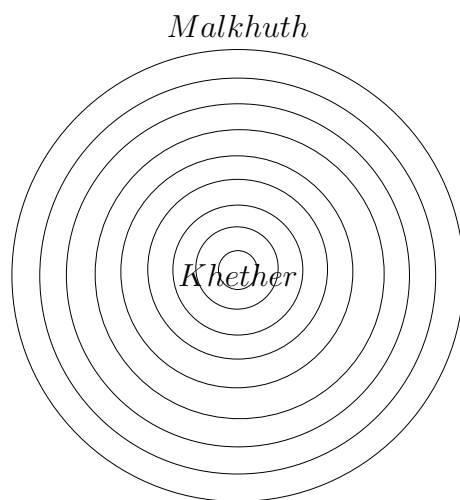


Figura 9: Cascas de cebola

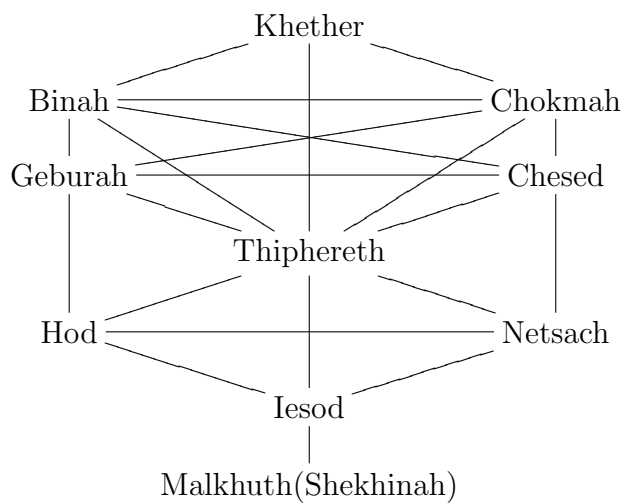


Figura 10: Árvore caída

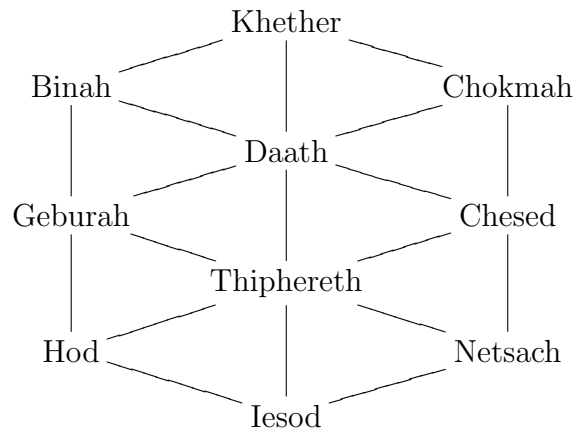


Figura 11: Árvore da Perfeição

letras de fundação, três são mães, sete são duplas e doze são simples.” (Sepher Ietsirah, Capítulo 1, Mishnah 2). Aqui são feitas associações com as três letras mães, com as sete letras duplas (aquelas que permitem, no hebraico, duas pronúncias, uma fraca e uma forte), e com as doze letras simples:

- As três letras mães são: **א**, *álef* (ar); **מ**, *mêm* (água); e **ש**, *shin* (fogo);
- 7 é associado aos sete planetas sagrados e às sete direções do espaço;
- 12 é associado aos doze meses do ano, aos doze signos do zodíaco e às doze arestas do cubo do espaço.

As sete direções do espaço são: acima, abaixo, norte, sul, leste, oeste e centro. O centro é o ponto onde as outras seis direções se encontram, também chamado de Lugar Sagrado. O Lugar Sagrado é o lugar de Deus, pois Deus não mora no espaço, e sim o espaço mora em Deus. Por isto as outras direções se encontram no centro.

Cabe ainda salientar que um cubo possui doze arestas, associadas às doze letras simples e aos signos do zodíaco.

Com relação à Árvore da Vida e às três letras mães, podemos estabelecer as seguintes associações:

- \aleph é associado à coluna da direita – Misericórdia – Bem ou Água do Bem;
- ψ é associado à coluna da esquerda – Justiça e Rigor – Mal ou Fogo do Mal;
- \aleph é associado à coluna central – Temperança – Ar.

Devemos observar que a letra \aleph , a coluna central, e o elemento Ar fazem a conciliação (ou mediação) entre as outras colunas e os outros elementos, que são opostos (direita, esquerda, bem, mal, água, fogo). Isto estabelece um sistema de tese, antítese e síntese, semelhante à filosofia de Hegel.

Assim, o Sepher Ietsirah estabelece um continuum com cinco dimensões. As três letras mães representam a *dimensão moral* (alma). As sete direções do espaço representam a *dimensão espacial* (mundo). Os doze meses do ano representam a *dimensão temporal* (ano). As cinco dimensões do continuum são formadas pelas três dimensões espaciais (o espaço tridimensional), a dimensão temporal (passado e futuro) e a moral (bem e mal).

Associamos o lado esquerdo da Árvore da Vida ao norte, e conseqüentemente ao mal pois está escrito que “o mal vem do norte” (veja Jeremias 1:14). Isto não significa que alguma Sefhira seja má, mas que, o lado esquerdo sendo associado à Justiça e ao castigo, fornece espaço para que o mal se manifeste. Para a Kabalah, Deus também é o criador do mal. Como já dissemos, ele o faz para que a vida humana não seja trivializada, para que o homem tenha livre-arbítrio.

A Árvore da Vida é formada por três triângulos ou tríades (veja Figura 12). Cada tríade é formada por duas Sefhiroth que representam princípios opostos (masculino e feminino) e uma terceira Sefhira que faz a conciliação de ambas (filosofia de Hegel).

As duas tríades inferiores (apontando para baixo) são o reflexo da tríade superior (apontando para cima). A combinação de um triângulo apontando para cima e um para baixo forma um conhecido símbolo, o *duplo triângulo de Salomão* ou *estrela de Davi*. Na Figura 13 podemos ver este símbolo em uma ilustração de Eliphaz Levi (famoso cabalista e ocultista de meados do século XIX). Observemos na figura que o ancião de baixo é o reflexo invertido do ancião acima. Isto lembra o que falamos sobre o preceito “assim em cima como embaixo”.

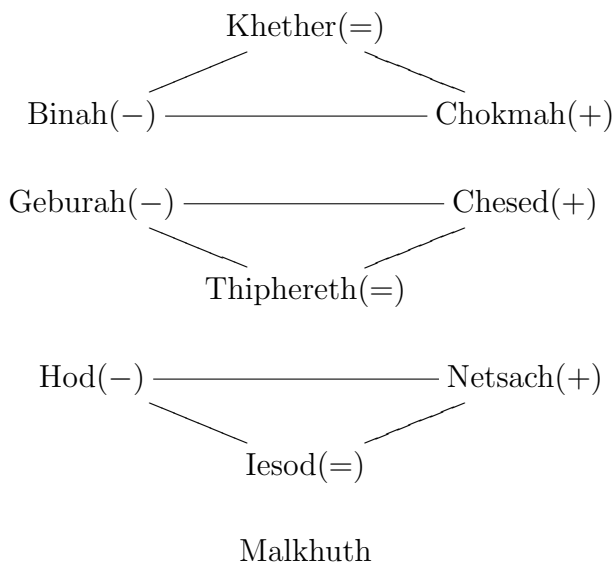


Figura 12: Triádes na Árvore da Vida

Este mesmo símbolo aparece, de forma sutil e dissimulada, em um dos mais importantes e representativos emblemas da Maçonaria, formando-se da junção do esquadro e o compasso (veja Figura 14).

O significado de cada uma das Sefiroth é apresentado na Tabela 5. Também na mesma tabela são apresentadas as associações das Sefiroth com personagens bíblicos.

Com relação ainda a esta tabela devemos observar que Khether é associado à Vontade de Deus e que, segundo a Kabbalah, no princípio, antes da criação, só existia Deus e a Sua Vontade (Ain Soph e Khether).

Lembremos que Binah e Malkhuth são Sefiroth femininas (chamadas de Mãe superior e Mãe inferior). Na tabela podemos perceber que o único personagem feminino é Lea, que é associada à Binah. Lea é um personagem bíblico que teve sete filhos, seis homens (as seis Sefiroth seguintes) e uma mulher (a Sefira restante, Malkhuth).

Consistente com estas atribuições, Malkhuth é associada à Lua, que é feminina, e Thiphereth ao Sol, masculino. A Lua é feminina pois recebe toda a sua luz do Sol, assim como a mulher recebe o sêmen do homem.

A Tabela 6 apresenta a associação entre os nomes das Sefiroth no Zohar e no Sepher Ietsirah. Observemos que no Sepher Ietsirah não há a Sefira



Figura 13: Duplo triângulo de Salomão



Figura 14: Símbolo maçônico

Tabela 5: Significado das Sephiroth e associações com personagens bíblicos

Sephira	Significado	Personagem bíblico	Observação
Khether, כתר	Coroa		Vontade de Deus
Chokmah, חכמה	Sabedoria		
Binah, בינה	Compreensão	Lea	
Chesed, חסד	Bondade	Abraão	
Geburah, גבורה	Coragem	Isaac	
Thiphereth, תפארת	Beleza	Jacó	Sol
Netsach, נצח	Eternidade	Moisés	
Hod, הוד	Glória	Arão	
Iesod, יסוד	Fundação		Sustentação
Malkhuth, מלכות	Reino		Lua

Malkhuth. Além disto, segundo o Sepher Ietsirah, as Sephiroth emanaram aos pares: Acima e Abaixo; Leste e Oeste; Norte e Sul; Primeiro e Último; e Água e Fogo.

Considerando a criação do mundo, as três primeiras Sephiroth são associadas ao criador, enquanto que as sete Sephiroth inferiores são associadas aos sete dias da criação. Isto significa que a criação inicia pela Vontade de Deus (Khether), torna-se ação criadora em Chokmah e Binah e realiza-se nas sete Sephiroth inferiores.

Malkhuth é associada ao Shabath (o dia do descanso do Senhor), pois representa a consumação da Vontade de Deus, o término da criação. Finalmente, Iesod é considerado o pilar que sustenta o mundo (Fundação), pois é a única Sephira que se comunica com Malkhuth, que, por sua vez, é associada ao mundo material por ser a mais próxima deste.

Os nomes das Sephiroth no Sepher Ietsirah sugerem uma Árvore da Vida tridimensional, como a mostrada na Figura 15.

Assim como nas letras do álef-bêt, também na Árvore da Vida podemos identificar as três dimensões espacial, moral e temporal:

Dimensão espacial Sephiroth direcionais;

Dimensão moral Água do Bem e Fogo do Mal;

Dimensão temporal Primeiro e Último (ou Começo e Fim).

Tabela 6: Nomes das Sephiroth no Zohar e Sepher Ietsirah
Sephiroth (Nomes e Associações)

Zohar	Sepher Ietsirah	Associações	
Khether	Acima		Criador
Chokmah	Leste		
Binah	Norte		
Daath	Primeiro		
Chesed	Água	1º dia	Dias da criação
Geburah	Fogo	2º	
Thiphereth	Último	3º	
Netsach	Sul	4º	
Hod	Oeste	5º	Pilar de sustentação Mundo material
Iesod	Abaixo	6º	
Malkhuth		7º (Shabath) Descanso de Deus	

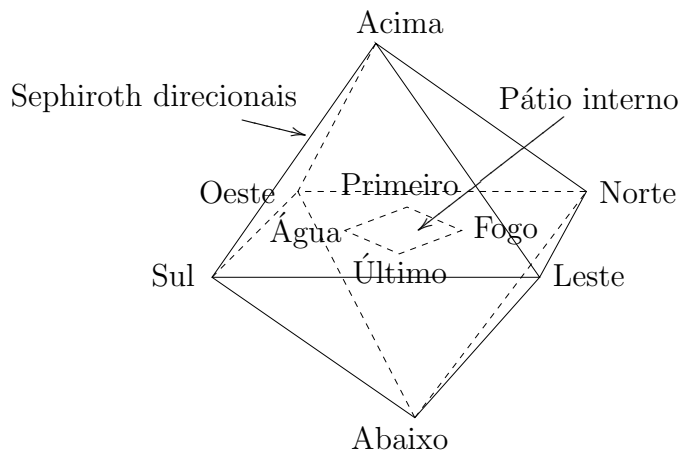


Figura 15: Árvore da Vida 3D (Sepher Ietsirah)

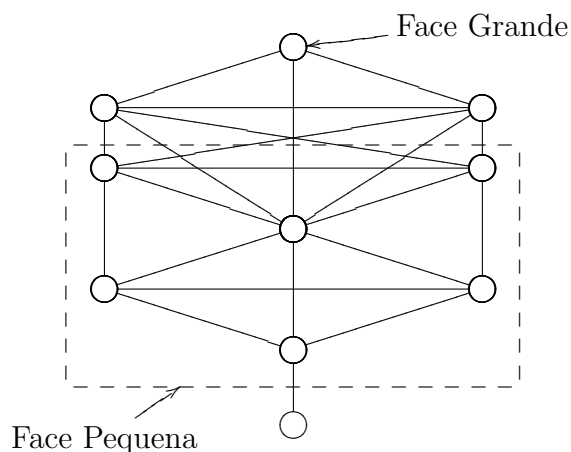


Figura 16: Face Grande e Face Pequena

Na Árvore da Vida, Khether representa a Face Grande, enquanto que as seis Sephiroth em torno de Thiphereth formam a Face Pequena (veja Figura 16). Além disto, a Árvore da Vida é considerada o “corpo” de *Adam Kadmon*, o Ser Absoluto Manifestado ou Homem Primordial (veja Figura 17), que na filosofia da Índia, a vedanta, é chamado de Purusha. Dele se diz que tem a Coroa (Khether) sobre a sua cabeça e o Reino (Malkhuth) aos seus pés.

Resumindo os diversos *partzufim* (faces) na Árvore da Vida:

Face Grande ou Macroprosopus Khether

Pai de Microprosopus ou Aba Chokmah

Mãe de Microprosopus ou Ima Binah

Face Pequena ou Microprosopus Chesed, Geburah, Thiphereth, Netsach, Hod, Iesod

Noiva de Microprosopus Malkhuth ou Shekhinah

O Microprosopus (Face Pequena) possui dois lados, masculino e feminino, sendo assim andrógino. Já por sua vez o Macroprosopus (Face Grande) possui apenas um lado, apenas a face e o olho direito estão visíveis, pois o lado esquerdo está oculto em Ain Soph. Assim, o Macroprosopus está entre Ain Soph e a manifestação. Sobre isto se diz que *“Esta é a tradição: Se o Olho*

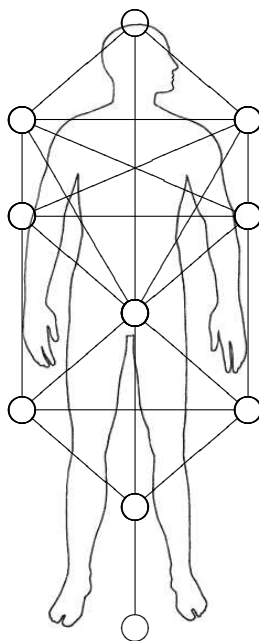


Figura 17: Adam Kadmon

se fechasse ao menos por um momento, nada poderia subsistir. Portanto, Ele é chamado Olho Aberto, Olho Sagrado, Olho Excelente, Olho do Destino, o Olho que não dorme nem cochila, o Olho que é o Guardião de todas as coisas, o Olho que é a substância de todas as coisas.” (Zohar, Idra Rabba Kadisha 136 e 137)

Este olho, cuja representação no álef-bêth é a letra áin (cujo pictograma é um olho – consulte também a Tabela 4), aparece como um dos mais importantes símbolos maçônicos, o Olho que tudo vê, mostrado na Figura 18.

Na Tabela 7 apresentamos a associação entre as Sephiroth e as letras do Tetragrammaton. Observe-se que as duas letras hei (ה) de IHVH são associadas às duas Sephiroth consideradas femininas. Lembremos que a letra hei é uma letra relacionada com o feminino, como é indicado na coluna de observações da Tabela 1. Váv (ו), cujo valor gemátrico é 6, é associada às seis Sephiroth da Face Pequena.

A Sephira Khether não é associada a nenhuma letra em particular pois, sendo a Face Grande, contém ela todo o Tetragrammaton. A associação feita é com o ponto superior da letra iud (י) – a letra iud é parecida com uma vírgula, começando em cima com um ponto. Este é o ponto primordial, de

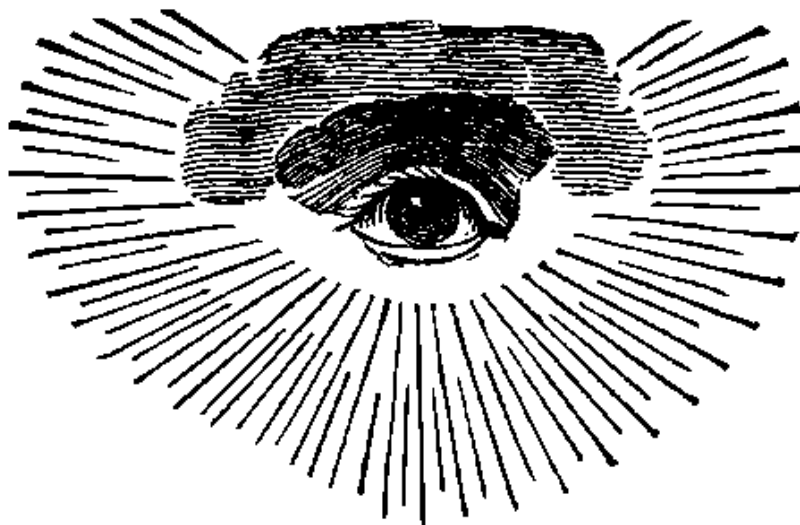


Figura 18: Olho que tudo vê

onde tudo emana.

Podemos apresentar uma versão antropomorfizada do Tetragrammaton. Isto é chamado de Iosher (veja a Tabela 8). Neste caso, a letra iud é associada à cabeça, o primeiro hei aos braços, o váv ao tronco e o segundo hei às pernas do Iosher.

Uma imagem bastante inspiradora é o Iosher dentro do Leviatã, mostrada na Figura 19. Nesta figura, o antropomorfismo do Iosher é mais exagerado. A serpente mordendo o próprio rabo, circundando o Iosher, é chamada de *Ouroboros* na alquimia e *Leviatã* no judaísmo.

A interpretação que se atribui à esta imagem é que o Leviatã é o limite entre o Não Manifestado (Ain Soph) e o manifestado. Assim, toda a área externa ao Leviatã é Ain Soph, e a área escura, onde se encontra o Iosher, é o tsimtsum (pleroma).

Observe que o Iosher é formado pelas gotas de veneno que escorrem das mandíbulas do Leviatã – o Raio de Luz, vindo da Luz Ilimitada (Ain Soph Aur), através do centro que é Khether.

Isto tem semelhança com a história bíblica de Jonas (Jonah, יונה) dentro do grande peixe. Interessante observar que o nome יונה é uma permutação de IHVH (יהוה), com a troca de apenas uma letra.

Gostariamos de apresentar uma pequena parábola. Esta parábola é ilustra-

Tabela 7: Associação das Sephiroth com as letras do Tetragrammaton

Sephiroth	Letra
Khether	o ponto superior de ך
Chokmah	ך
Binah	ה
Chesed, Geburah, Thiphereth, Netsach, Hod, Iesod	ו
Malkhuth	ה

Tabela 8: Iosher formado com as letras de IHVH

Iosher	
Cabeça	ך
Braços	ה
Tronco	ו
Pernas	ה

**Figura 19:** Iosher circundado pelo Leviatã



Figura 20: Entrada do cinema

da nas Figuras 20 e 21. Imagine o público em frente a um cinema, comprando os ingressos para um grande e esperado lançamento (Figura 20). Então, o público entra na sala de cinema, aguardando o tão esperado filme (Figura 21). Dentro em pouco, a audiência estará envolvida pela ilusão criada pelo filme. Alguns chorarão em cenas tristes, outros vibrarão com o mocinho e a mocinha, como se tudo isto fosse real. Todos estarão fascinados pela ilusão do filme.

Os elementos que formam esta parábola são interpretados da seguinte forma:

Tudo fora do cinema Ain (ou Ain Soph);

O interior do cinema Tsimitsum;

Paredes do cinema Leviatã;

Projeccionista Face Grande;

Projeter Face Pequena;

Filme e pessoas assistindo Ilusão (no budismo: maya).



Figura 21: Público aguardando o filme

Isto significa que somos uma ilusão na mente da Face Grande! Nossas vidas e nós próprios (a nossa individualidade) são simples ilusão (no budismo, a expressão usada para isto é *maya*). A redenção é o despertar desta ilusão, saindo pela porta que leva para fora do cinema.

Interessante notar que esta parábola apresenta os mesmos contornos do mito da caverna de Platão. Neste mito, as pessoas estão dentro de uma caverna e acreditam que as sombras projetadas no fundo da caverna são a realidade, não percebendo que existe um mundo fora da caverna.

Os mundos da Kabbalah

A Kabbalah divide a manifestação divina em quatro mundos: *Atziluth* (emanação), *Briah* (criação), *Ietsirah* (formação) e *Assiah* (ação). Os cabalistas afirmam que a passagem bíblica que diz “*a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que, para minha glória [Atziluth], criei [Briah], e que formei [Ietsirah] e fiz [Assiah].*” (Isaías 43:7) é uma referência a estes quatro mundos.

Cada mundo é progressivamente mais material e imperfeito que o anterior, em uma escala decrescente. Estes mundos são como planos que se sobrepõem.

O mundo de Assiah é o mundo fenomenológico, o mundo da ação, sendo aquele correspondente ao que percebemos com os nossos sentidos físicos. Os outros três mundos são mundos mais sutis e espirituais que não podem ser percebidos com os sentidos físicos. O mundo de Atziluth é o mais elevado de

todos, não sendo compreensível para o homem de nenhuma maneira.

Para alguns cabalistas existe uma Árvore da Vida completa para cada mundo (veja a Figura 22 que apresenta apenas os dois primeiros mundos, não mostrando os dois seguintes). Assim, são no total 40 Sephiroth. Para outros, os mundos se distribuem ao longo das Sephiroth da Árvore da Vida (veja a Tabela 9). Além disto, as associações apresentadas na Tabela 9 não são aceitas por todos os cabalistas. Existem outras versões para estas associações.

Importante observar que as diferenças de interpretação entre os cabalistas não se constituem em inconsistências, mas visões complementares que, no final, se harmonizam. Neste caso, explica-se a existência destas duas abordagens (a primeira que atribui uma Árvore da Vida para cada mundo e a segunda em que os quatro mundos são distribuídos pelas Sephiroth da Árvore da Vida) pelo fato que cada Sephira contém todas as outras. Assim, existe um Malkhuth de Khether e um Khether de Malkhuth. Isto garante a unicidade das Sephiroth e a indivisibilidade da natureza divina, princípio fundamental para o monoteísmo.

A criação de Deus parte dos mundos superiores em direção ao mundo material. Já sabemos que a criação é feita pelas combinações e permutações das letras do álef-bêth. Assim, no mundo de Atsiluth as letras do álef-bêth estão soltas, pois neste mundo a criação ainda não foi posta em marcha, e existe apenas na Vontade de Deus. A partir do mundo de Briah as letras vão se combinando e se permutando, formando em sucessão os nomes divinos, os nomes angélicos e, no mundo de Assiah, a Torá (veja Tabela 10).

Há uma interessante tradição judaica que diz que a Torá que conhecemos não corresponde exatamente à Torá ditada por Deus, pois as letras não se combinaram da forma apropriada, pelas limitações deste mundo e do homem. A verdadeira Torá só será revelada quando iniciar a era messiânica.

Kabalah mística

A Kabalah mística entende a Árvore da Vida como um “mapa” para a iluminação espiritual. Neste caso, os caminhos da Árvore da Vida representam “portas” para despertar a consciência em planos mais elevados, permitindo a ascensão pelos mundos (Assiah, Ietsirah, Briah e Atsiluth).

Quando alguém alcança Atsiluth, a Face Grande fica “face a face” com a Face Pequena, e todas as ilusões da existência desaparecem. Esta é a experiência nas Raízes Negativas da Árvore da Vida. A experiência mística

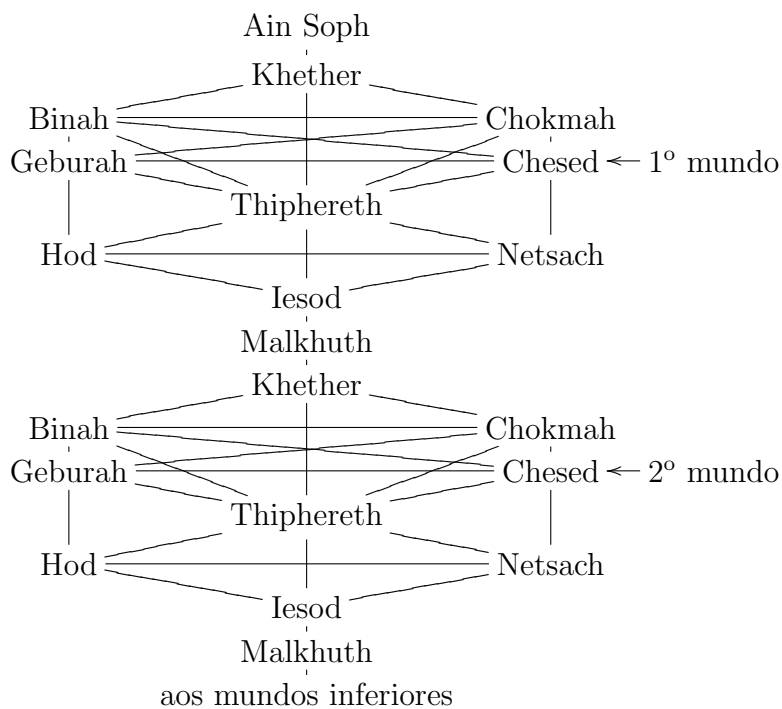


Figura 22: Uma Árvore da Vida completa para cada Mundo

Tabela 9: Distribuição das Sephiroth pelos Mundos da Kabbalah

Mundo	Significado	Sephiroth
Atsiluth	Emanação	Khether
Briah	Criação	Chokmah, Binah
Ietsirah	Formação	Chesed, Geburah, Thiphereth, Netsach, Hod, Iesod
Assiah	Ação	Malkhuth

Tabela 10: Combinações das letras do alfabeto hebraico

Mundo	Letras/palavras	
Atsiluth	Letras soltas	כ י ט ח ז ו ה ד ג ב א ת ש ר ק צ פ ע ס נ מ ל
Briah	Nomes divinos	fios da barba do Macroprosopus (Zohar)
Ietsirah	Nomes angélicos	
Assiah	Torá	בראשית ברא אלהים את השמים ואת הארץ ...

deste tipo mais intensa e profunda é chamada na vedanta de nirvikalpa samadhi. Neste caso, desaparece completamente e de forma irreversível a individualidade.

Devemos então estudar os caminhos de ascensão na Árvore da Vida. O primeiro deles é o caminho dos anjos de Elohim, mostrado na Figura 23. Este caminho caracteriza-se pela observância dos preceitos morais e religiosos. Como ele usa exclusivamente a coluna da direita da Árvore da Vida, é chamado de “via da mão direita”. Ele é um caminho lento e longo.

Um outro caminho possível é o caminho dos anjos de destruição, ilustrado na Figura 24. Este caminho caracteriza-se por complexos rituais mágicos e a busca de poderes psíquicos (Sidhis). Por usar exclusivamente a coluna da esquerda (lembremos que ela é associada ao mal), é chamado de “via da mão esquerda” ou “magia negra”. Este é um caminho rápido (devido aos poderes obtidos na coluna da esquerda), mas mal sucedido. Observemos na Figura 24 que o caminho entre Binah e Khether está bloqueado. Neste caso, o adepto é lançado no “outro lado” (*Sitra Akra*), a sombra negativa da Árvore da Vida, a Árvore da Morte.

Nos evangelhos é feita referência à oposição entre estes dois caminhos na passagem que diz “*Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita.*” (Mateus 6:3).

Não necessariamente os caminhos devem usar apenas uma coluna. As Figuras 25 e 26 ilustram dois caminhos em zig-zag. O primeiro deles é o caminho do santo, que é lento e longo. O segundo é o caminho do bruxo, que apresenta o mesmo problema do caminho dos anjos de destruição, no que se refere ao caminho entre Binah e Khether, que está bloqueado.

Nenhum destes caminhos é usado na Kabbalah mística. A Kabbalah mística

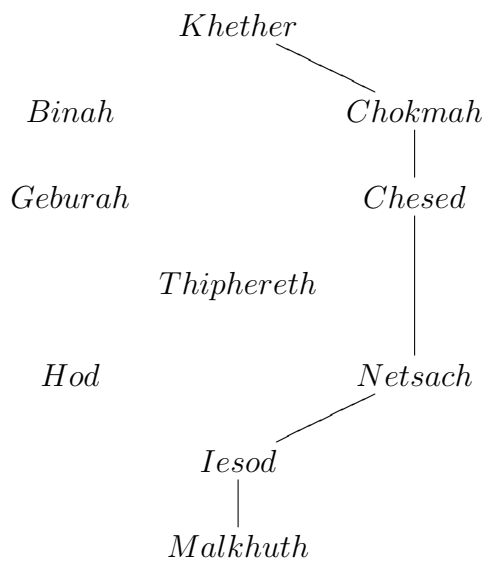


Figura 23: Caminho dos anjos de Elohim

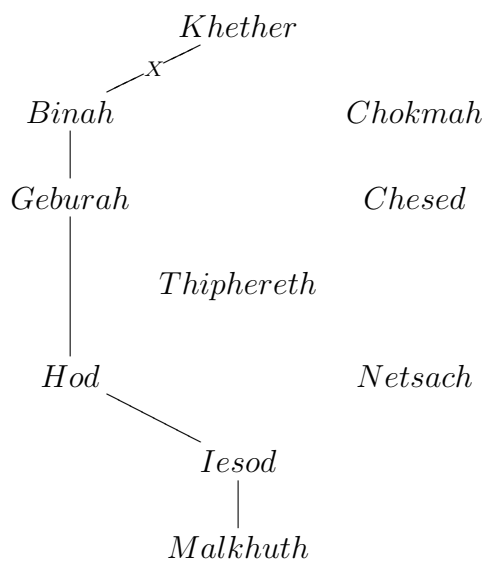


Figura 24: Caminho dos anjos de destruição

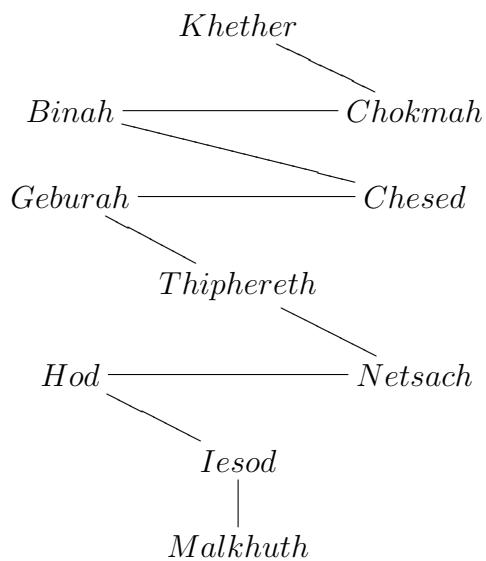


Figura 25: Caminho do santo

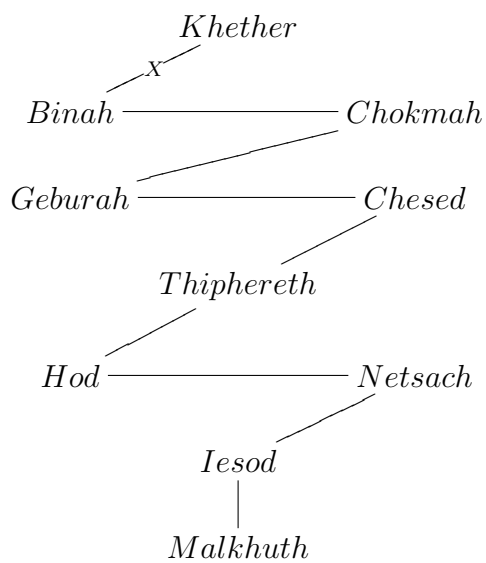


Figura 26: Caminho do bruxo

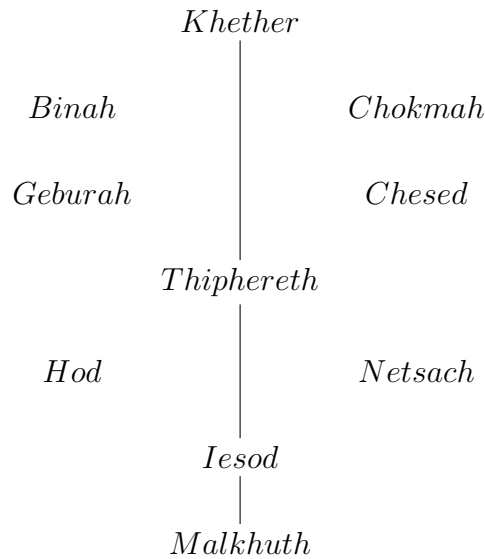


Figura 27: Caminhos de coluna central (Kabalah mística)

usa os caminhos de coluna central (veja a Figura 27). Nos caminhos de coluna central se busca a superação da ilusão de pluralidade (não dualismo).

Vivemos em um mundo dualista. Nada existe no mundo manifestado se não existir seu oposto. Um exemplo disto é a existência de luz e trevas. O resultado disto é que nos sentimos separados do todo.

Por exemplo, supomos possuir os dedos das mãos, pois estão há muito tempo conosco, mas não achamos que uma cadeira faça parte de nós. Assim, temos a individualidade separada das coisas em torno dela, e temos a individualidade separada da divindade.

Na visão não dualista, ou monista, a pluralidade é uma ilusão, e o sujeito, o objeto observado e o ato de observar são uma única coisa. Neste caso, a individualidade se dilui em Deus, e deixa de existir (nirvana). O indivíduo realiza em si o Nada (Ain).

Este é o caminho reto e direto para cima, referenciado na passagem dos evangelhos que diz “... porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, ...” (Mateus 7:14). Ele é citado por Buda como o “caminho do meio”.

Na passagem dos evangelhos que apresenta a crucifixão de Jesus, os dois ladrões crucificados nos dois lados de Jesus simbolizam as colunas laterais. As

colunas laterais são “ladrões” pois representam distrações que podem desviar os adeptos da coluna central de seu caminho.

Podemos sumarizar as características das três colunas e seus caminhos como:

Caminho de coluna direita Bem – observância da lei;

Caminho de coluna esquerda Mal – medo;

Caminho de coluna central Amor – prazer/desfrute.

As práticas místicas enfocam a Face Grande, ou a Face Pequena ou ambas ao mesmo tempo. As duas iogas, de Face Grande e Face Pequena, tem as seguintes características:

Ioga de Face Grande impessoal (Deus-sem-Nome-e-Forma) – percebendo todo Nome e Forma como ilusões – renúncia a toda a experiência e dissolução da individualidade;

Ioga de Face Pequena pessoal (Deus-com-Nome-e-Forma) – considerando a pluralidade de Nome e Forma como uma Grande Unidade na Face Pequena – submissão a um ideal de Face Pequena escolhido (IHVH, Allah, Kali, etc.).

Estas duas iogas representam as duas grandes escolas de ioga da Índia:

Advaita Escola não dualista, monista – enfocando a Face Grande. Procura superar as coisas do mundo, atingindo o Nada, a Não existência. Difícil de ser seguida no mundo ocidental, vivendo-se em uma sociedade como a nossa, pois deve-se abandonar tudo;

Dvaita Escola dualista – enfocando a Face Pequena. Procura unificar as coisas do mundo na Face Pequena (o Um). Constitui-se em um passo intermediário para atingir o Nada. Escola mais adaptada à nossa cultura ocidental e mais fácil de ser seguida.

Figura 28: IHVH

Io	Ho	Vo	Ho
Ia	Ha	Va	Ha
Iei	Hei	Vei	Hei
Ii	Hi	Vi	Hi
Iu	Hu	Vu	Hu

Figura 29: Práticas de Abraão Abulafia

As práticas ióguicas da Kabbalah mística caracterizam-se por:

1. Vocalização de um Mantra-Raiz;
2. Visualizações;
3. Exercícios respiratórios (Pranayama).

Na Kabbalah são usadas as letras do Tetragrammaton (veja a Figura 28) para as vocalizações e visualizações. No método do rabino medieval Abraão Abulafia combinam-se as quatro letras do Tetragrammaton (IHVH) com as cinco vogais (o, a, ei, i, u) para as vocalizações (veja a Figura 29). Neste caso, a seqüência pode ser feita em diversas direções, tanto linha a linha, quanto coluna a coluna, tanto no sentido usual, quanto de trás para frente. A vocalização é acompanhada por respirações (pranayama) e movimentos da cabeça, prescritos por Abulafia.

Embora a existência da proibição de pronunciar o nome de Deus, há evidência de que, no princípio do judaísmo, o nome de Deus era vocalizado, basta consultar Gênesis 4:26, 12:8, e 13:4.

Uma das práticas místicas muito usadas pelos cabalistas é a visualização do nome de Deus (veja a Figura 28). Isto se baseia na passagem bíblica que diz “*E pus o nome do Senhor diante de mim para sempre*” (Salmos 16:8).

Uma outra prática mística é a visualização dos seres como Iosher. Sobrepondo ao corpo de uma pessoa as letras do Tetragrammaton, pode-se ter uma perspectiva inteiramente nova do mundo, entendendo todos os seres como expressões do poder da Face Pequena.

Os mantras são usados para purificar a mente e para dar acesso a estados alterados de consciência (superconsciência). Isto dá acesso aos mundos superiores.

Se Deus criou o mundo pelas combinações e permutações das letras do alfabeto hebraico, então o seu uso por meio de vocalização e visualização permite criar dentro do praticante a idéia e a forma de Deus.

Segundo Baal Shem Tov, é através do nome que podemos entender a essência espiritual de uma pessoa ou objeto.

O poder do nome de Deus é citado na passagem que diz “*Eis o nome do SENHOR vem de longe, ardendo na sua ira, no meio de espessas nuvens; os seus lábios estão cheios de indignação, e a sua língua é como fogo devorador.*” (Isaías 30:27).

As práticas da Kabbalah mística são muito semelhantes às práticas de Japa Sadhana ou Ioga Japa. Basta ler o comentário de Sri Swami Krishnananda, falando sobre Japa Sadhana, dizendo que “*o nome de Deus é comparado ao fogo que queima*”, que é um comentário muito parecido com a frase de Isaías citada acima. Ele está se referindo ao poder da entoação de mantras sagrados, que tem efeito mesmo que o praticante (sadhaka) não conheça e compreenda seu poder.

As práticas da Kabbalah mística são simples e flexíveis, podendo ser adaptadas ao praticante. Um exemplo disto é o uso nas vocalizações e visualizações, por um praticante muçulmano, do nome de Face Pequena do Islã, Allah (veja a Figura 30).

Existem dois tipos de ioga na Índia:

Dhyana Ioga libertação por meio de um esforço mental (conhecimento, gnosis) – o samadhi é obtido por um esforço mental;

Kundalini Ioga prazer do despertar da divina Mãe Kundalini.

Isto não significa que elas sejam excludentes. Na verdade, elas devem ser trilhadas juntas, pois se complementam. Sri Swami Sivananda, comentado



Figura 30: Allah (nome de Face Pequena do Islã)

a necessidade ou não de praticar a Kundalini Ioga, diz “alguém pode seguir sem ela?”. Ele enfatiza que “se você quer despertar Kundalini Shakti, para desfrutar a felicidade da união de Shiva e Shakti através dela e ganhar os poderes relacionados (Sidhis)”, não há como não praticar a Kundalini Ioga.

A Kundalini Ioga baseia-se na existência de uma energia chamada *prana*, que preenche todo o universo, e é absorvida pela respiração. Esta energia está, no homem, inerte na base da coluna vertebral, e seu despertar provoca o despertar da consciência do praticante.

No homem existem centros de energia, chamados pelos hindus de *chakras*, distribuídos ao longo da coluna vertebral (veja a Figura 31). Eles são em número de sete: Muladhara, Svadistana, Manipura, Anahata, Vishuda, Ajna e Sahasrara, nesta ordem, desde a base da coluna vertebral, na altura do ânus, até o alto da cabeça.

Eles são conectados por certos canais, chamados de *nadis*. Os três principais nadis são *Shushumna* (nadi central), *Ida* e *Pingala* (nadis laterais).

A Figura 31 mostra que isto forma uma árvore, chamada de Árvore Chakrica, sobre a coluna vertebral do corpo humano. Podemos perceber a clara vinculação dos três nadis, Shushumna, Ida e Pingala com as três colunas da Árvore da Vida.

Na Índia, o aspecto manifestado de Deus é chamado de Shakti. Shakti possui dois polos. Um polo positivo e dinâmico, que associamos ao Prana, e um outro polo negativo, estático, que é a Kundalini inerte na base da coluna.



Figura 31: Árvore Chakrica (tantrismo)

Kundalini é a energia adormecida na base da Árvore Chakrica, representada como uma serpente enroscada. O seu despertar e subida pela coluna vai vitalizando os chakras. A chegada de Kundalini ao alto da cabeça (união com Shiva) culmina com o samadhi.

Não é apenas a Kabbalah e o tantrismo que possuem sua Árvore sagrada. Na Figura 32 é mostrado o Caduceu de Mercúrio da mitologia grega. As semelhanças entre o Caduceu e a Árvore chakrica são bastante óbvias.

Também o evangelista Marcos percebia os homens como árvores que andam, basta consultar a passagem que diz “*Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando.*” (Marcos 8:24).

Mas que tipo de árvores são os homens? De dois tipos:

Árvore caída homem caído; Shekhinah exilada (veja a Figura 10 que ilustra a Árvore caída);

Árvore da Perfeição redenção do homem; era messiânica; anjos (veja a Figura 11 que ilustra a Árvore da Perfeição).

A Tabela 11 apresenta estes sete centros (chakras) como eles aparecem nas diversas tradições místicas e religiosas: na Índia, na Kabbalah (Sephira), no Sufismo (Lataif) e no Apocalipse de São João.

Um dos principais símbolos do judaísmo, a Menorá, o candelabro de sete braços (veja a Figura 33), é uma representação dos sete centros chakricos. Na



Figura 32: Caduceu de Mercúrio

Tabela 11: Relação dos centros nas diversas tradições místicas

Chakras	Centros	Sephiroth	Lataif	Igrejas (Apocalipse)
Muladhara	Ânus	Malkhuth	Qalabiya	Éfeso
Svadhastana	Baixo-ventre	Iesod	Nafsiya	Esmirna
Manipura	Plexo solar	Netsach, Hod	Qalbiya	Pérgamo
Anahata	Coração	Thiphereth	Siriya	Tiatira
Vishuda	Garganta	Daath	Ruhiya	Sardes
Ajna	Testa	Chokmah, Binah	Khafiya	Filadélfia
Sahasrara	Alto da cabeça	Khether	Haqiqah	Laodicéia



Figura 33: Menorá

Kabalah, a divina Mãe Kundalini, adormecida na base da Árvore chakrica é representada por Shekhinah, exilada na base da Árvore caída, como a Sefhira Malkhuth. Um dos objetivos da Kabalah é reestabelecer Shekhinah a sua posição original. Assim, Shekhinah e Kundalini Shakti são símbolos diferentes, de duas tradições místicas diferentes, significando a mesma coisa.

Como se diz que Shiva se localiza no alto da cabeça, a chegada de Kundalini Shakti ao alto da cabeça significa sua união com Shiva (hieros gamus).

A ascensão de Shekhinah pela Árvore da Vida (ascensão de Kundalini pelos chakras) culmina com o Shabath, que são as bodas de:

1. Senhor Messias e Rainha Shekhinah;
2. Senhor Shiva e sua consorte Shakti (tantrismo);
3. Coito do rei e da rainha ou o casamento do sol e da lua (alquimia);
4. Esposo e sua noiva, a nova Jerusalém (Apocalipse de São João).

No judaísmo há uma tradição de vincular o Shabath com a “espera da noiva”. Há um canto para esta ocasião que diz “vem ó noiva, vem ó noiva”.

Sobre o casamento da esposa com seu noivo, o Cristo, diz o Apocalipse de São João, “*Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do*

céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.” (Apocalipse 21:2).

Conclusão

A essência da Kabbalah é comum a todas as tradições místicas e religiões. Esta essência foi filtrada e incorporada a estas tradições, recebendo de cada uma delas uma *vestimenta* diferente. Assim, a Kabbalah permite desvendar o significado esotérico dos símbolos e alegorias de todas estas tradições.

Consideramos importante enfatizar que as práticas da Kabbalah mística são relativamente seguras, se comparadas, por exemplo, com as práticas mágicas da via da mão esquerda. No entanto, não podemos deixar de lembrar que o caminho para ascender aos mundos superiores é cheio de armadilhas e perigos. Uma lenda judaica lembra este fato, relatando que quatro rabinos empreenderam uma jornada mística ao paraíso. Como resultado disto, o primeiro rabino morreu, o segundo enlouqueceu, e o terceiro tornou-se um herege. Apenas o Rabino Akiva, o mais preparado deles, regressou incólume.

Como leitura complementar indicamos, como introduções breves e didáticas, a leitura de [5,10]. Para um estudo mais profundo, incluindo comentários ao *Sefer Ietsirah*, recomendamos a leitura de [1,6,7]. As práticas da Kabbalah mística podem ser encontradas em [2,3,4]. As referências [2,3] são o mesmo texto, o primeiro em tradução para o português, o segundo é o texto original, em inglês, de Daniel Feldman, do grupo *Work of the Chariot*. O livro do Rabino David Cooper [4] apresenta em detalhes as práticas de Abraão Abulafia. Finalmente, as referências [8,9], embora não sejam textos de Kabbalah serão de bastante utilidade. Particularmente percebemos em [8] uma grande semelhança com as práticas da Kabbalah mística.

Referências

- [1] Christopher P. Benton, *An Introduction to the Sefer Yetzirah*. url: <http://www.maqom.com/journal/paper14.pdf>.
- [2] Daniel Feldman, *Qabalah: O Legado Místico dos Filhos de Abraão*, Editora Madras.
- [3] Daniel Feldman, *Qabalah: The Mystical Heritage of the Children of Abraham*. url: <http://www.workofthechariot.com/PDF/qabalah.pdf>.
- [4] David Cooper, *Ecstatic Kabbalah*, Sounds True.

- [5] F.V. Lorenz, *Noções Elementares de Cabala: A tradição esotérica do ocidente*, Editora Pensamento, 1912.
- [6] Gershom Scholem, *A Cabala e seu Simbolismo*, Editora Perspectiva.
- [7] Leonard Glotzer, *The Fundamentals of Jewish Mysticism*, Jason Aronson, 1992.
- [8] Sri Swami Krishnananda, *Yoga, Meditation and Japa Sadhana*. url: <http://www.ufpel.edu.br/~campani/ymj.pdf>.
- [9] Sri Swami Sivananda, *Kundalini Yoga*. url: <http://www.ufpel.edu.br/~campani/Kundalini.pdf>.
- [10] William Wynn Westcott, *An Introduction to the Study of the Kabbalah*, 1910. url: <http://www.ufpel.edu.br/~campani/WWWKabbalah.pdf>.